Pedro Guilherme-Moreira

LIVRO SEM NINGUÉM

(a natureza humana pela natureza-morta)

Finalista do Prémio Leya

Romance

Novembro

Foi um Novembro morno na última rua da cidade. Rua que acabava numa horta. E, mesmo que a horta fosse o fim da rua, a rua não tinha fim, porque à horta se seguia a praia, e à praia o mar. A rua não se chamava rua do arco-celeste – tinha uma placa com a inscrição beco do doutor ou engenheiro qualquer-coisa –, mas era assim que estava escrito na faixa de plástico com recortes em vinil das festas de Agosto que ainda pendia de um dos seis postes que a rua tinha: «Festas da rua do arco-celeste.» Rua do arco-celeste porque tinha as últimas casas térreas da cidade, e eram sete como as cores do arco-íris, que são cinco mais as duas que Newton somou ao espectro: sete cores, sete notas musicais. Tinham sido construídas havia muitos anos como apoio à empreitada das duas torres gigantes que faziam gaveto com a avenida e tapavam o Sol nascente. A empreitada esteve embargada mais de uma década e as casas foram sendo ocupadas. Quando, finalmente, a obra avançou, chamou-se «Projecto do arco-celeste», eufemismo para amenizar as dores das contas bancárias e exponenciar as ilusões que no projecto passariam a habitar com vista de mar em três

frentes. E fica já assente que, podendo, a rua do arco-celeste trocaria as grandes torres por metade do arco do Sol que lhe fora roubado.

Eram sete casas geminadas, três do lado sul e quatro do lado norte: a vermelha, uma, a laranja, duas, a amarela, três, a verde, quatro, a azul, cinco, a violeta, seis, e a índigo. Sete.

Todas as outras ruas da cidade tinham-se tornado avenidas ou *boulevards*, e esta também não se chamava alameda, até porque havia poucas árvores, e as que havia não estavam literalmente na rua: uma no pátio da casa amarela, algumas na escola e no jardim a seguir às torres gigantes e várias no pomar da horta. Nenhuma delas – muito menos a palmeira morta da casa vermelha – contava para o vocábulo. Alameda.

A rua do arco-celeste tinha a poente, junto da horta, uma escola primária, e junto da escola um infantário, e atrás da...

Um momento. Não era melhor apontar isto? No lugar onde este livro está a ser lido, ou talvez muito perto, deve haver papel e lápis. Ou qualquer coisa que escreva. É imperioso que se vá buscar. Se for na praia, há sempre um bom vizinho de toalha. Se for jovem, está autorizado a revirar os olhos e a condoer-se com a ideia do relatório de leitura que vai ter de apresentar à professora. Os truques metaliterários podem ser maçadores. Mas só assim, tirando notas, se pode ter cá alguém, que o livro é sem ninguém.

A rua do arco-celeste tinha a poente, junto da horta, uma escola primária, e junto da escola um infantário, e atrás da escola e ao lado da horta uma sucata, e a nascente, na torre um, um café, e, na torre dois, uma florista, e atrás da torre dois, ao lado da florista, um pequeno jardim com dois carvalhos-robles. Os carvalhos-robles trabalhavam pouco antes da uma ou das

duas da tarde, fosse Verão ou Inverno, porque só a essas horas se desfazia a sombra das torres.

Foi um Novembro morno na rua do arco-celeste, com manhãs frescas e tardes amenas, e, mesmo que o sol não lhe chegasse pela manhã, aquecia a cidade e iluminava o seu ostensivo-radiante-rútilo ex-líbris, construído perto dali. O ex-líbris da cidade era um monumento ao Sol tão alto, tão alto, que fazia sombra até ao mar, e vinham autocarros de todo o lado estacionar no gaveto da avenida com a rua do arco-celeste só para o ver e fotografar.

A questão do sol pela manhã era controversa, e, em abono da verdade, talvez fosse possível ver, em dias bons, entrar uma faixa de luz geometricamente instável, cheia de quinas e linhas rectas feitas pelas outras torres da cidade. Mas não chegava para dizer que a rua do arco-celeste tinha sol pela manhã. Também não chegava para as indemnizações da chamada «acção das sombras», que enriquecera o tribunal de comarca havia anos. A rua conformara-se com nada. Só Novembro assustava e repetia-se uma velha frase que já não fazia sentido ali: «Se não chove, o pasto fica curto e o gado não come e o leite não cresce e vem a fome e leva tudo.»

Domingo. Manhã alta.

À porta da casa amarela está estacionada uma 4L cor-de-rosa matrícula QJ-43-49 com a frente virada para a horta. A 4L tem na porta traseira um autocolante da Penélope, a discoteca de Ibiza, e no capô uma espécie de grito cujo número foi recentemente acrescentado, «19 BUT FREE». Ao contrário das janelas das torres (as tais que dão para o mar), as janelas prin-

cipais da rua do arco-celeste ficam à face da rua e são duas em cada casa. Há postigos e pequenas aberturas que não dão para a rua e servem para arejar de dia e, de noite, para mostrar as luzes que dentro das casas se acendem e apagam. As duas janelas principais da casa amarela estão escancaradas e têm línguas compridas feitas de roupa de cama posta a arejar. A língua da janela da esquerda é branca e a língua da janela da direita é cor de sangue com retalhos. Os retalhos são uniformes. Cedo as inovações da rua aprendem que deve haver uma certa coerência cromática em todos os objectos. No entanto, a cor dominante da colcha de retalhos não é o amarelo das paredes da casa. Se fosse, chamar-se-ia *quilt* amarelo, mas não. Chama-se *quilt* cor-de-sangue, é mais antigo do que a pintura da casa e foi assim alinhavado: um quadrado com um menino sentado à carteira da escola cose-se a um quadrado com dois meninos de pé à porta da escola e este cose-se a um quadrado com um menino sentado à carteira da escola e faz o padrão que se repetiu pelas colchas em certos anos de certas modas.

Da estreita chaminé da casa amarela sai um fumo branco muito fino, e dele descemos ao pátio e ao estendal. No estendal estão pendurados dois tipos de cuecas, duas máximas unidades confortáveis para senhora e três mínimas unidades desconfortáveis para rapariga. Está principalmente um casaco *pied-de-poule* com quadrados que também alternam: quadrados em castanho, quadrados em branco sujo, quadrados com listas castanhas deitadas para a direita. As cuecas não são amarelas: as máximas são brancas, as mínimas vermelhas e pretas. Numa destas repete-se metade do grito da 4L: «BUT FREE.» No centro do pátio, uma pequena magnólia dá folhas velhas que mirram nos ramos. Debaixo de um telheiro ficou aberto um guarda-chuva

amarelo com uma haste partida, mas não chove desde Agosto. Ao lado do guarda-chuva, há uma mesa em amarelo-torrado e, em cima da mesa, uma gramática verde-clara muito velha que faz de pisa-papéis ao jornal do dia. A mesa está posta com dois pratos, dois garfos, duas facas, duas colheres de sopa e três copos, dois de água e um de vinho. Ao fundo do quintal, junto à sebe alta que o separa do vizinho da casa verde, uma estufa com ervas de cheiro.

Em frente da casa amarela fica a escola, que é branca, e encostado à escola um anexo que serve de infantário, feito de tábuas pintadas com as sete cores do arco-íris. Hoje, que é domingo, estão ambos fechados e o recreio vazio e o barulho vazio também. O muro de pedra ao fundo da escola tem na base várias bolas de futebol de vários campeonatos da europa e do mundo. A algumas já faltam hexágonos, a outras pentágonos, a outras hexágonos e pentágonos, e muitas trazem-nos descosidos e estão prestes a perdê-los. Um lado, dois lados, quatro lados, todos os lados. Nenhuma bola foi mexida desde sexta-feira. O chão é de terra, mas não há poeira no ar. A escola tem vários plátanos em volta, com folhas lobadas e inflorescências cupulares, e são estas flores que tornam os plátanos distintos das árvores carregadas de folhas vermelhas de onze pontas, símbolo do Canadá, e que se chamam bordos ou áceres – ainda que a rua tenha um violino feito da sua madeira. Mas aqui não há pingentes de gelo, porque nunca neva, nem paus onde se enrola o xarope de ácer que coze em caldeirões gigantes, porque aos plátanos falta resina. É pena que também não haja cabanas de açúcar, mas um dos plátanos tem mais de trinta metros e já cá estava antes de tudo. É compensação bastante.

A nenhuma grua foi consentido que se chegasse perto. Estes plátanos ainda sustêm as folhas e a poeira está limpa. Na arrecadação provisória de tijolo encaixada entre a escola e o infantário guardam-se sementes de cereais. Tem um rombo no telhado e vários arcões de madeira dentro. O milho num de choupo. O trigo num de castanho. O centeio num de carvalho. Hoje não há mais nada na escola. Os plátanos compõem-se. Amanhã é segunda-feira.

A horta comunitária tem um aforismo no arco de ferro forjado da entrada que é o remate daquela frase antiga: «e vem a fome e leva tudo.» Hoje não se ouve música nem se vêem alfaias na horta, mas não lhe falta nada. O pequeno pomar da horta é estercado no crescente e podado no minguante. As plantas estacadas contra o vento. Os garrafões espantalhos e os garrafões bicheiros. O ouriço debaixo dos castanheiros. Castanhas. Amêndoas. Avelãs. Nozes. O pinhão tem de esperar. A beringela e o feijão-verde não podem. O tomate também não. O grelo, o rabanete, a nabiça, o repolho e a rúcula estão quase. O espinafre pode ser levado. A azeitona também. O terreno está mexido para a sementeira dos cereais. Para o outro lado, o lugar vago, e muito mais tarde, virão as árvores da Primavera. O azevinheiro está carregado, apesar de uma poda recente sem critério. Como a tangerineira. Já há tangerinas no chão. A laranjeira tem laranjas verdes, pequeninas. O limão e a maçã e a pêra esperam cestos. A cameleira, abdicando, pede que lhe colham as flores brancas. As hidranjas mais próximas da cameleira são cor-de-rosa: à medida que se afastam, ficam azuis. O azul pode vir do solo tornado ácido com borras de café e ripas de madeira. Há abóboras com

olhos e dentes pérfidos que voltaram à horta depois da noite em que vingaram, a derradeira de Outubro. Foram as últimas a sair da terra, nestes tempos em que deixa de se de pedir pão por deus e se troca por doces ou traquinices. Ou dás ou levas. As outras já tinham sido guardadas com primas de nome francês: as *courgettes*. E as romãs, todas as romãs que ainda não foram roubadas. Como os pés de amores-perfeitos.

O carreiro atrás da escola vai para a fábrica de têxteis e passa na sucata. Nele se entra pela horta. No carreiro as lágrimas não se vêem: são minúsculas, imperceptíveis e passageiras marcas na terra que se confundem facilmente com tudo o resto. Talvez a profundidade das pegadas, que não dependem do peso mas do sentimento, fale, mas hoje não há pegadas novas no carreiro, só lágrimas. Que não se vêem. O monte de sucata está a meia altura, com peças indistintas.

A florista está fechada, mas na montra, à espera de ramos urgentes e com os pés mergulhados em água fria, estão hidranjas, miosótis e gardénias. Essencialmente hidranjas, miosótis e gardénias. Ao longe parecem flores de plástico, muito por causa do boato que corre na rua. O vidro da florista é recuperado de uma mercearia antiga e ainda guarda pequenas bolhas. Tem reflexo suave, textura doce. O boato é que nunca as flores são deixadas sozinhas quando a florista fecha. Diz-se que ao domingo são de plástico e que não é possível tanta perfeição em flores naturais com os pés mergulhados em água fria. Mas não é verdade. Há uma sublime imperfeição nos miosótis. Quando a frota de sessenta navios de D. Pedro partiu dos Açores a caminho do Mindelo, no Norte de Portugal, pediu hidranjas – chamando-lhes hortênsias –, e isto não é boato.

O café fica na torre um, em frente da florista. E é por causa disso que tem na montra potes, uns de cobre e latão polido, com os nomes dos conteúdos gravados em chapas salientes, outros de cerâmica com as flores pintadas no exterior. Todas as tisanas possíveis na linguagem das flores: camomila, verbena, gardénia, laranjeira, jasmim, lavanda. Todas numeradas para conferência em menu quando uma flor estranha for pedida. Por dentro da vidraça, um pouco acima, afixam-se editais e anúncios de mortes. É só por causa disso e de uma vaidade surda das casas da rua que se frequenta o café – para saber das mortes. Hoje não se morreu e o café está com mesas e cadeiras a mais. Que são em *décapé*. Em cima de uma, estão uns óculos com lentes azuis. A marca não diz nada do portador num tempo em que os seguros ou os cartões pagam tudo. Mas são *Ray-Ban*. Do lado poente, a dar para o pátio, uma janela vitoriana resgatada da demolição da casa que se esperaria ver – mas já não se vê – num regresso à rua. Vidro de chumbo biselado com molduras em ferro forjado. O balcão ainda é visível e preenche o canto direito do café: lambril de mármore branco, tampo de madeira maciça com cantos arredondados. É uma lasca de sequóia envernizada com os nós desenhados para serem estudados na solidão. A esplanada foi desmontada por desuso e, por causa disso, está o pátio sem ordem. Uma pilha de mesas. Outra pilha de cadeiras. Vasos de azevinho podado sem método. Um banco de pedra húmida e um relógio-de-sol – ou de-sombra – onde não se conseguem ver as horas no Inverno. O banco e o relógio vêm do pátio da casa vitoriana e estão cá há mais de cem anos. Sobre o banco, três guarda-sóis brancos. Do muro poente vê-se o insalubre beco do lixo, com dois contentores a abarrotar, pregos ferrugentos espalhados pelo chão